UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

RODRIGO NUNES DE SOUZA

MÁQUINAS E IMAGINÁRIO EM CLARICE LISPECTOR: MISS ALGRAVE

CAMPINA GRANDE – PB
2014

RODRIGO NUNES DE SOUZA

MÁQUINAS E IMAGINÁRIO EM CLARICE LISPECTOR: MISS ALGRAVE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729m Souza, Rodrigo Nunes de
Máquinas & imaginário em Clarice Lispector [manuscrito] : Miss Algrave / Rodrigo Nunes de Souza. - 2014.
28 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino, Departamento de Letras".

1. Literatura Brasileira 2. Conto 3. Novas Tecnologias 4. Cultura Midiática 5. Ciberespaço I. Título.

21. ed. CDD B869.3

RODRIGO NUNES DE SOUZA

MÁQUINAS E IMAGINÁRIO EM CLARICE LISPECTOR: MISS ALGRAVE

Trabalho aprovado em: 30 de julho de 2014

BANCA EXAMINADORA

_____ **NOTA:** 9,0
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino. (UEPB)
Orientador

_____ **NOTA:** 9,0
Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva. (UEPB)
Examinador

_____ **NOTA:** 9.0
Profª. Drª Kalina Naro Guimarães. (UEPB)
Examinadora

Média: 9,0

CAMPINA GRANDE – PB
2014

‘’O homem foi programado por Deus para resolver problemas. Mas começou a cria-los em vez de resolvê-los. A máquina foi programada pelo homem para resolver os problemas que ele criou. Mas ela, a máquina, está começando também a criar problemas que desorientam e engolem o homem. A máquina continua crescendo. Está enorme. A ponto de que talvez o homem deixe de ser organização humana. E como perfeição de *ser criado*, só existirá a máquina. *Deus* criou um problema para si próprio Ele terminará destruindo a máquina e recomeçando pela ignorância do homem diante da maçã. Ou o homem será um triste antepassado da máquina; melhor o mistério do paraíso.’’

(*A Máquina Está Crescendo* – Clarice Lispector)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado ao eterno e querido Prof. Cléber Pacheco (*in memorian*). Dedicação e agradecimento por todos os conhecimentos passados durante a disciplina Linguística II, pelos sorrisos e boas conversas dentro e fora de sala.

Um vento que passou, e deixou sua marca profunda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Maria de Fátima, por toda dedicação e confiança durante a realização deste sonho e por me apoiar na certeza de uma escolha: ser Professor, um desejo há anos por mim alimentado.

A Clarice Lispector por sempre me ‘’apoiar’’ com os seus textos nos mais diversos momentos: rancores, desesperos, estresses, amizade, decepções, alegrias... Sem a sua literatura, eu não teria força para seguir na caminhada.

Ao meu Orientador, Luciano Barbosa Justino, pela dedicação, apoio e por todos os conhecimentos passados durante a sua participação em minha vida acadêmica (ministrando, com maestria, a disciplina Literatura Brasileira da Modernidade II) e ao me ajudar na construção do presente estudo. Um Professor marcante, amigo e incentivador.

Aos Professores que compõem a banca examinadora deste trabalho: Antônio de Pádua Dias, sinônimo de competência, admiração e inspiração; KalinaNaro Guimarães, com quem tive a oportunidade de ser aluno e aprendiz durante os componentes Estágio Supervisionado III e IV – Literatura.

Aos meus queridos Professores da UEPB por conduzirem com perfeição à minha formação acadêmica em Letras e por serem peças fundamentais na concretização deste sonho. Em especial, destaco: Darcy Fernandes, Maria Goretti Ribeiro, Carlos Eduardo, Mirella Braga, Rodrigo Rodrigues, Magliana Rodrigues, Waltimar Lula, Ricardo Soares, Teresa Neuma, Marcelo Vieira (Marcelão), Adalberto Teixeira, Maria Gisélia, Manassés Morais Xavier, Francisca Eduardo, Flaviano M. Vieira, Roberta Soares, KalinaNaro, Edson Tavares e Rosângela Queiroz.

Aos meus queridos e verdadeiros amigos: TássiaRaphaelle, Kleissa Ramalho, Alessandra Sousa, Felipe Valentim, Bráulio Teixeira, Katherine Késsya, Gilmar Gonzaga, Cícera Aline, Israel Bilro, Mirla Farias, Emanuelle Ramos, Israel Everton, Jayonara Santos, Lidiane dos Santos, e todos aqueles que suportam o meu jeito ‘’literário’’ de ser.

O meu coração respira aliviado e suspira de saudade.

MÁQUINAS E IMAGINÁRIO EM CLARICE LISPECTOR: MISS ALGRAVE

Resumo:O conto ‘’Miss Algrave’’, de Clarice Lispector, possui uma personagem que se aproxima dos meios tecnológicos atuais: o modo como o seu desenrolar nos é apresentado, remete-nos a cultura midiática, as máquinas e ao ciberespaço. Além disso, Ruth, a personagem principal da narrativa, transforma-se radicalmente dentro do conto, transitando de uma atmosfera religiosa para uma sexual, após um ato de desvirginização com Ixtlan, um ser de Saturno. Esta pesquisa busca abordar como as questões tecnológicas interferem no modo de vida da personagem e, também, explicar a mudança por qual Ruth Algrave passa dentro do conto.

Palavras-chave: ‘’Miss Algrave’’. Meios tecnológicos. Transformação.

Abstract: The tale "Miss Algrave", of Lispector Clarice, has a personage that approaches of the current technological means. How your way been in tale was presented to us, brings to us the media culture, machines and cyberspace. Furthermore, Ruth, the main character in the narrative, transform herself radically within the tale, moving herself between the religious women to the sexual woman, after an act of lost virgin of the Ixtlan, a being of Saturn. Thus, this research seeks to find how the new technological issues affect the way of life of the main character, and also to explain the change that Ruth Algrave passes throw in the tale.

Key words: ‘’Miss Algrave’’. Technological means. Transformation.

1INTRODUÇÃO

O polêmico livro de contos ‘’A via crucis do corpo’’, de Clarice Lispector, tornou-se um marco na obra da escritora: ao ser publicado, Clarice recebeu muitas críticas porque a coletânea fugia, em sua questão temática, dos padrões introspectivos que já eram abordados em outros livros. Assim, o erotismo que permeia os trezes contos de ‘’A via crucis do corpo’’ fizeram com que Clarice, pela primeira vez em sua produção literária, fosse rotulada de ‘’Pornográfica’’, pois, até então, as temáticas sexuais não tinham sido trabalhadas de forma tão profícua em suas obras.

Neste estudo, objetivamos abordar a questão sexual da obra em seu contexto de publicação e, também, como a cultura midiática, a questão maquínica e o ciberespaço unem-se à personagem do conto ‘’Miss Algrave’’, narrativa em que se concentra o presente estudo, para explicar a transição que Ruth, protagonista do conto, sofre dentro da trama.

Em um primeiro momento, destacaremos os elementos religiosos e sexuais que envolvem a personagem. Contudo, refutaremos como essa mudança interferirá no desenrolar de Miss Algrave, visto que a personagem, na primeira parte do conto, apresenta uma fidedignidade religiosa e, na segunda parte do conto, desbrava-se para o plano sexual. Esta transição será evidenciada através das teorias expostas por Âreas (2005), Gotlib (2011), Moser (2011), Nascimento (2012), entre outros.

Após estas análises, destacaremos, em um segundo momento, como as teorias relacionadas às culturas midiáticas, as máquinas e ao ciberespaço interferem no processo transformativo de Ruth Algrave. Apresentaremos como as questões tecnológicas podem interferir nas decisões da personagem e, consequentemente, no espaço em que a narrativa se desenvolve. Para isso, utilizaremos as abordagens feitas por Castañeda (2006), Guattari (1996), Kerckhove (1996), Santaella (2003) e Lévy (1992; 1999), que buscam correlacionar as ideias informáticas aos mais diversos modos de relação ‘’humano-máquina’’.

Apesar da alta fortuna crítica que o conto possui, faz-se necessário que a narrativa seja associada a outras ideias, o que resultará, portanto, nos tópicos seguintes deste estudo. Apresentaremos como as teorias voltadas para o midiático, o maquínico e o ciberespaço podem correlacionar-se com as ambivalências apresentadas em ‘’Miss Algrave’’.

A pesquisa consiste em uma análise de cunho documental, em que exploramos os meios pelos quais a personagem do conto ‘’Miss Algrave’’ pode usufruir das questões tecnológicas para explicar a forte transição que sofre dentro do enredo escrito por Clarice Lispector.

2 EXPLICAÇÃO: A VIA CRUCIS DE CLARICE

Em 1974, Clarice Lispector aceita um desafio: escrever por encomenda. Algo até então inédito em suas produções literárias, a autora, por questões financeiras, decide atender ao convite do editor da Arte Nova, Álvaro Pacheco. Este, por sua vez, solicita da autora histórias que dialogassem com a realidade.

Durante o convite, que se deu através de um telefonema, Clarice via nascer em si à inspiração. Então, a autora começou a esquematizar as histórias e, após um curto intervalo de tempo, três contos já estavam prontos: ‘’Miss Algrave’’, ‘’O Corpo’’ e ‘’Via Crucis’’. Depois de escritos, Clarice espanta-se com as fortes cargas reais que as histórias apresentam e passa a elaborar as demais narrativas que irão compor a coletânea de contos ‘’A via crucis do corpo’’, livro que marcará sua carreira literária de um modo nunca visto em sua produção literária. Essa produção se firmará como um dos livros mais representativos dentro das obras de Clarice, porque, diferentemente das obras anteriores, ‘’A via crucis do corpo’’ é um livro singular, com um processo de escrita que diverge dos outros, a encomenda do editor da Arte Nova transforma esta coletânea de contos em uma produção ‘’à parte’’ dentre as obras de Clarice Lispector.

Atendendo ao pedido de Álvaro Pacheco, todos os contos que compõem ‘’A via crucis do corpo’’ apresentam um forte teor real e, em sua maioria, apresentam, também, uma forte carga sexual. Pela primeira vez em sua literatura, Clarice abordava de forma tão objetiva esta temática. Em uma espécie de prefácio, que autora achou por bem intitulá-lo de ‘’Explicação’’, Clarice nos diz que:

> Todas as histórias deste livro são contundentes. E quem mais sofreu fui eu mesma. Fiquei chocada com a realidade. Se há indecências nas histórias a culpa não é minha. Inútil dizer que não aconteceram comigo, com minha família e com os meus amigos. Como é que sei? Sabendo. Artistas sabem de coisas.(LISPECTOR, 1998, p. 11).

A aventura sexual porque Clarice passou, com ‘’A via crucis do corpo’’, fez com que seu nome parasse em todos os meios críticos daquele ano. A coletânea de contos levou a autora a não se importar com as opiniões dos críticos e, pela primeira vez, Clarice apostou em narrativas desbragadamente sexuais. Toda polêmica em volta do

livro se dá porque ‘’tanto a matéria de que é feito quanto a própria fatura rasuram certa imagem consolidada da ficção clariciana’’ (NASCIMENTO, 2012, p. 239).

‘’Vão me jogar pedras’’, diz Clarice ainda na Explicação, texto que abre seu polêmico livro de contos. A autora diz não se importar com as possíveis objeções que sua obra provocará nos críticos e em seus leitores. Ela completa dizendo que não está para brincadeiras, pois é ‘’mulher séria’’ e precisava convencer-se que o convite feito trata-se de um desafio.

Tudo indica que Clarice pretendia vencer este desafio para provar para si que seria capaz de produzir histórias deste cunho. Ao longo de sua ‘’Explicação’’, a autora tenta justificar os motivos que a levaram aceitar este desafio e, consequentemente, as narrativas que abordam, direta ou indiretamente, a temática sexual. Nádia BatellaGlotib, pesquisadora e biógrafa da autora, destaca a importância deste desafio para Clarice. Por questões financeiras e por ter sido, de certa forma ‘’desafiada’’, a autora de ‘’A via crucis do corpo’’ precisa ‘’vencer’’ mais este impasse e, assim, buscar alternativas para suprir a sua forte vontade de escrever. Disto resulta o primeiro texto da obra, nomeado de ‘’Explicação’’ e completa a biógrafa: ‘’De que serve essa ‘explicação’, afinal? Serve para justificar uma opção da escritora, que leva adiante o jogo do escrever, como quem não quer, mas que faz; recusa, mas aceita’’ (GOTLIB, 2011, p. 522).

Apesar do esclarecimento e de aceitar o desafio, Clarice sugere publicar os contos utilizando um pseudônimo. Proposta esta que é, imediatamente, recusada por Álvaro: a autora, segundo o editor, ‘’devia ter liberdade de escrever o que quisesse’’. Após um pequeno susto, Clarice decide não aceitar mais convites para escrever por encomenda e classifica-se como ‘’inliberta’’, pois se alguém lhe convidasse ela poderia voltar atrás em sua decisão e ceder aos pedidos.

O livro é composto por treze contos, ‘’mas poderiam ser quatorze’’. Na maioria das histórias, encontramos personagens que passam por situações abertamente sexuais, o que caracterizará fortemente estas narrativas. ‘’A via crucis do corpo’’ é um livro desafiador e a linguagem utilizada evidencia uma escrita lispectoriana inédita e que a autora nunca tornaria usar. O biógrafo Benjamin Moser constata que na obra nós podemos encontrar:

> Um travesti, uma *stripper*, uma freira tarada, uma mulher de sessenta anos com um amante adolescente, um casal de lésbicas assassinas, uma velha que se masturba e *uma secretária inglesa que tem um coito exótico com um ser do planeta saturno*. '' (MOSER, 2011, p. 589).

2.1 RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA E O AMADURECIMENTO LITERÁRIO DA AUTORA

Ao publicar a coletânea, os críticos não perdoaram Clarice: apedrejaram exacerbadamente sua obra e, consequentemente, a própria autora; fato este que Clarice já pressentira em sua ''Explicação''. Vários meios de comunicação apresentaram suas posições críticas acerca do livro. "Lixo, sim: lançamento inútil", disse a Revista Veja em uma de suas edições e que data de julho de 1974. O famoso Jornal do Brasil, o mesmo que Clarice, anos antes, contribuía com seus textos jornalísticos, evidenciou o seu descontentamento com ''A via crucis do corpo'': ''teria sido melhor não publicar o livro, em vez de ser obrigada a se defender com esse falso desprezo por si própria como escritora'', disse o Jornal do Brasil.

Clarice, na mesma ''Explicação'', nos diz que estes contos foram classificados como ''lixo'' por alguma pessoa (Benjamin Moser supõe, na biografia escrita por ele, que esta pessoa poderia ser Olga Borelli, melhor amiga de Clarice), ao passo que a autora nos revela que:

> Uma pessoa leu meus contos e disse que aquilo não era literatura, era lixo. Concordo. Mas há hora para tudo. Há também a hora do lixo. Este livro é um pouco triste porque eu descobri, como criança boba, que este é um mundo-cão. '' (LISPECTOR,1998, p. 12).

Apesar das críticas iniciais, podemos perceber o amadurecimento literário de Clarice com a publicação de ''A via crucis do corpo''. Com o lançamento desta obra, a fama de hermética da autora aumentou consideravelmente e, concomitante a isto, a sua fama de esquisita e de aperiódica. Pela primeira vez, desde a sua estreia com *Perto do coração selvagem*, Clarice é adjetivada como ''Pornográfica'', porque suas histórias,

como já foi mencionado, distanciam-se completamente de tudo que a autora já havia publicado.

Mesmo com este adjetivo (novo dentro da trajetória literária da autora), Clarice, até onde se sabe, não se valeu de experiências pessoais para criar as histórias. Para Benjamin Moser (2011) a obra apresenta traços que trazem à tona toda a criatividade da autora em que capta o tempo real, a vida cotidiana é invadida por ficção e ‘’sua existência de mãe e dona de casa constantemente penetrando e minando sua ficção’’.

A coletânea apresenta traços sexuais como elos importantes para o estopim da história. Vilma Arêas, em sua obra *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*, constata que os contos:

> Exibem objetos ora falsos demais, com marca da fabricação à flor da página, rodeados pela moldura do grotesco ou da fantasia, ora demasiadamente espontâneos, muito próximos do leitor, com quem a narradora conversa frequentemente ao longo da narrativa. ’’ (ARÊAS,2005, p. 49).

Dentre as trezes histórias, o conto ‘’Miss Algrave’’ é o objeto de estudo deste trabalho. Optou-se por este conto, pois ele traz em si duas vertentes bastante díspares e que o torna muito estarrecedor: a religiosidade e o forte apelo sexual que a personagem apresenta.

3 ‘’MISS ALGRAVE’’: RECURSOS CONSTRUTIVOS

Um dos primeiros contos a ser escrito, ‘’Miss Algrave’’ apresenta um forte recurso construtivo, pois a personagem principal é ambivalente e, ao mesmo tempo, desafiadora. A protagonista é construída dentro de duas esferas, o que caracterizará sua condução dentro da história: a forte carga religiosa e o forte tom sexual que apresentará em um segundo momento; transformando-a, portanto, em uma personagem dúbia, que se coloca em constante desafio consigo mesma e com as situações que a rodearão dentro da narrativa.

O conto inicia-se com um narrador enfocando que ‘’ela era sujeita a julgamento’’. A história desenrola-se em Londres e contará, em um primeiro momento, o cotidiano de Ruth Algrave, secretária competente e que constantemente envia cartas de protesto para o *Time* a fim de denunciar tudo àquilo que a personagem considera um ‘’ato pecaminoso’’.O narrador, à medida que vai apresentando o dia a dia de Ruth, vai deixando pistas sobre o fato que brevemente será contado no texto: o momento em que a personagem perde a sua virgindade. Após elucidar vários aspectos que levam ‘’Miss Algrave’’ (assim era chamada pelo seu chefe) a ser considerada uma ‘’boa moça’’, o narrador nos dá a primeira pista do que virá acontecer:‘’Perto do Savoy Hotel quase foi atropelada. Se isso acontecesse e ele morresse teria sido horrível porque nada lhe aconteceria de noite’’ (LISPECTOR, 1998, p. 14).

‘’Miss Algrave’’ pode ser dividido em duas partes: em um primeiro momento, nos deparamos com uma Ruth religiosa, pudica, que não consegue enxergar em algumas questões sociais (beijos, prostitutas, televisão, bichos etc.) outra ideia, a não ser de pecado. No segundo momento da narrativa, nos deparamos com a personagem, agora, posta em outro ângulo: após perder sua virgindade com um ser de Saturno, Ruth se torna uma mulher livre e passa a desfrutar do sexo para saciar seus desejos e, consequentemente, acordar o seu ‘’eu’’, que se encontrava adormecido em seus ideais religiosos.

3.1 DO RELIGIOSO AO SEXUAL: A TRANSFORMAÇÃO DE RUTH ALGRAVE

Filha de Pastor Protestante e competente secretária, Ruth se apresenta como uma mulher que não tolera as situações que se desviam daquilo que ela considera pecado. Na primeira parte do conto, a personagem rotula como pecaminoso boa parte das situações que a rodeia. A obsessão da personagem por estes aspectos considerados ‘’corretos’’ faz com que Clarice trace uma perfeita oscilação entre o cômico e o que pode ser considerado liberdade. A autora de *Clarice Lispector com a ponta dos dedos* considera Ruth Algrave:

> datilógrafa competente e filha de um pastor protestante, solteira e virgem, atormentada pela ideia do pecado. A gradação crescente dessa obsessão é tecida de forma perfeita quanto à construção cômica, partindo do particular para o geral: não comia carne porque era pecado, tinha ânsias quando avistava prostitutas, odiava bichos e até as crianças imorais. (ARÊAS, 2005, p. 50).

Vários pontos da narrativa apontam para uma mudança significativa no texto. O narrador, através de pistas, vai dando a entender que a personagem passará por uma grande transformação, abandonando, assim, toda essa tradição religiosa que segue. As ideias pecaminosas são expostas gradativamente, ao passo que a personagem vai lembrando tudo que pode associar-se à ideia fixa de pecado. Apesar de toda obsessão, Ruth apresenta, neste primeiro momento, uma forte solidão, pois ela vive em Londres (''onde os fantasmas existem nos becos escuros'') e as poucas companhias que possui também são interligadas aos seus posicionamentos pecaminosos.

É, pois, em uma noite de solidão, que Ruth começa a desprender-se de seu ciclo vicioso: recebe uma visita e é desta visita que resultará a sua grande transformação dentro da narrativa.

Em uma espécie de anunciação, Ruth recebe a visita de um ser de Saturno: Ixtlan. Visto como algo ''revelador'', este ser dirige-se ao quarto da secretária a fim de desvirginizá-la. Assim que o ato é concluído, a personagem passa a ver em tudo aquilo que considerava pecado uma forma de deleite, passou a experimentar de tudo que ela recusava por estar dentro dos padrões religiosos que comumente eram estabelecidos:

> Ele disse:
>
> - Tire a camisola. A lua estava enorme dentro do quarto. Ixtlan era branco e pequeno. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou a mão pelos seus seios. Rosas negras.
>
> Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado.
>
> Começou a suspirar e disse para Ixtlan: – Eu te amo, meu amor! Meu grande amor!
>
> E – é, sim. Aconteceu. Ela queria que não acabasse nunca. Como era bom, meu Deus. Tinha vontade de mais, mais e mais.
>
> Ela pensava: aceitai-me! Ou então: "Eu me vos oferto." Era o domínio do "aqui e agora" (LISPECTOR, 1998, p.17).

Depois desta transformação, Ruth Algrave passa a ser uma mulher mais livre, pois se desprende da ideia fixa de pecado. Passa a tolerar mais os animais, as mulheres do PicadillyCircle, os pombos. Vai ao canto coral aos domingos e cantou melhor do nunca como ‘’forma de agradecimento’’. Constata-se que a personagem passa, agora, a divinizar o ato e resolve tomar um novo rumo para a sua vida: levar homens para o quarto.

Este ato, que podemos considerar como ‘’libertação’’, já que a personagem passará a viver com mais avidez. Percebe-se que a autora constrói uma personagem transfiguradora. Uma variação ocorre no decorrer da narrativa fazendo com que a personagem se transforme radicalmente, já que libertará seu ‘’eu’’ das ideias fixas de pecado. Em um primeiro momento, Ruth Algrave apresenta traços religiosos que a prendem nos tradicionalismos sociais (ideia fixa de pecado, asco por questões cotidianas, ojeriza por prostitutas). Do meio para o fim do conto, a personagem opõe-se bruscamente: ao perder a sua virgindade, ela se torna uma mulher mais livre, desprende-se das tradições familiares e religiosas, acaba se tornando uma represente do meio sexual ao abandonar o seu ofício como datilógrafa, pois é ‘’através do sexo e do prazer que Ruth Algrave descobre a possibilidade de ser feliz, como mulher, mesmo pagando o preço que isso exige’’ (LIMA, 2007, p. 57).

4 CULTURA MIDIÁTICA, MÁQUINAS E CIBERESPAÇO EM ‘’MISS ALGRAVE’’

4.1 CULTURA MIDIÁTICA E MÁQUINAS: INTERFERÊNCIAS NO DESENROLAR DA PERSONAGEM

O conto ‘’Miss Algrave’’, de Clarice Lispector, possui entrechos que podemos relacionar aos cultos maquínicos, ou seja, podemos associar as atitudes da personagem às desenvolturas máquinas, bem como as cultuas midiáticas e as tecnologias informáticas. Para isso, selecionamos passagens do texto que apresentam uma proximidade mais crível com os elementos acima mencionados.

A narrativa de Clarice apresenta uma forte ideia de cultura midiática ao relatar o cotidiano de Ruth Algrave, protagonista do conto. Em um primeiro momento, a personagem é datilógrafa perfeita, virgem e extremamente fiel às suas crenças religiosas. Dentro deste viés, podemos dizer que Ruth é uma adepta da cultura midiática, pois ‘’sua tendência é crescer, desenvolver-se e proliferar’’ (SANTAELLA, 2003, p. 29). Ainda nesta primeira parte, Miss Algrave põe em evidência suas perspectivas religiosas e suas ideias fixas de pecado. De tradição protestante, já que seu pai fora pastor, a cultura que faz parte do corriqueiro da datilógrafa resulta do ambiente e da tradição paterna que compõem o modo de viver da personagem.

Estes aspectos culturais nos faz entender o porquê da personagem enxergar diversas razões sociais como pecado. As ideias pecaminosas que fazem parte do universo religioso da personagem englobam-se nas tradições que rodeiam a vida de Ruth. Lúcia Santaella (2003) enfatiza essa questão, destacando:

> A cultura se refere aos costumes, às crenças, à língua, às ideias, aos gostos estéticos e ao conhecimento técnico, que dão subsídios à organização do ambiente total humano, quer dizer, a cultura material, os utensílios, o habitat e, mais geralmente, todo o conjunto tecnológico transmissível, regulando as relações e os comportamentos de um grupo social com o ambiente (SANTAELLA, 2003, p. 32).

O comportamento social da personagem é evidenciado pelo narrador das mais diferentes formas: ela, Ruth Algrave, morava em Londres; Comer carne era pecado; Sentia ojeriza pelo PicadillyCircle, local em que ‘’via mulheres esperando homens nas esquinas’’ (LISPECTOR, 1998, p. 13); O cheiro de um Pub nauseava-a e assim vai sendo enumerada às ideias pecaminosas durante toda a primeira parte da narrativa.

A fixação pelo pecado leva a personagem aos mais diferentes pensamentos. No início da narrativa, Ruth tem uma breve lembrança de sua infância: antes de seguir sua tradição religiosa com mais afinco, a personagem tentou envolver-se sexualmente com Jack, seu primo:

> Embora a atormentasse uma lembrança horrível: quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com seu primo Jack, na cama grande da vovó. E ambos faziam tudo para ter filhinhos sem conseguir. Nunca mais vira Jack nem queria vê-lo. Se era culpada, ele também o era (LISPECTOR, 1998, p. 13).

Sendo assim, a forma na qual Ruth exprime suas subjetividades aproxima-se das relações maquínicas e nos leva a reconhecer o conteúdo que estas atitudes subjetivas evidenciam: os traços religiosos que permeiam a vida de Ruth Algrave.

Em ‘’Miss Algrave’’, as máquinas aparecem de modo peculiar, porque a personagem utiliza-se destas máquinas para ratificar suas ideias pecaminosas. Isto resultará em uma afobação de seu ‘’eu’’, já que Ruth Algrave reserva-se, ao máximo, e não vê com bons olhos as imoralidades que tomam conta de Londres.

Em um primeiro momento, a máquina (televisão) nos é apresentada da seguinte forma:

> Nem tinha televisão. Por dois motivos: faltava-lhe dinheiro e não queria ficar vendo as imoralidades que apareciam na tela. Na televisão de Mrs. Cabot vira um homem beijando uma mulher na boca. E isso sem falar no perigo de transmissão de micróbios (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Percebe-se, então, que a personagem reluta por possuir um aparelho televiso, pois este passaria a lhe causar mais repúdio e, de certa forma, alimentaria suas ideias fixas de pecado. A personagem chega a pensar em escrever uma carta de protesto para o Time, pois ‘’ a falta de vergonha estava no ar’’ (LISPECTOR, 1998, p.15). Depois de presenciar uma fila de viciados, em uma farmácia, esperando por uma aplicação, Ruth decide denunciar ‘’a falta de vergonha’’ que tomava conta de Londres. Tal denúncia envolve até a Rainha, considerada por Ruth a principal responsável por esta situação. Eis que entra a segunda menção às máquinas:

> Como é que a Rainha permitia? Mistério. Escreveria mais uma carta denunciando a própria Rainha. Escrevia bem, sem erros de gramática e batia as cartas na máquina do escritório quando tinha um instante de folga. Mr. Clairson, seu chefe, elogiava muito as suas cartas

> publicadas. Até dissera que ela poderia um dia ser escritora. Ficara muito orgulhosa e agradecera muito (LISPECTOR, 1998, p.16).

A máquina datilográfica servia, portanto, como uma forma de Ruth Algrave constatar suas posições diante daquilo que ela considera imoral e que estava tomando conta de Londres. Deste modo, a personagem, ao se sentir ‘’orgulhosa’’, deixa transparecer o quão satisfeita fica ao evidenciar os atos pecaminosos que permeia a cidade ‘’onde os fantasmas existem nos becos escuros’’.

Ao relacionarmos o desenrolar da personagem com as ideias maquínicas, percebemos como a elaboração condiz com os múltiplos ângulos que tomam conta da rotina de Ruth. A ascensão tecnológica configura para que as desenvolturas humanas sejam ligadas fortemente às máquinas, fazendo com que a subjetividade sobressaia-se aos constantes meios de se adquirir proximidade. Guatarri (1996) reforçará esta ideia ao frisar que:

> Não tem sentido o homem querer desviar-se das máquinas, já que, afinal das contas, elas não são nada mais do que formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos de sua própria subjetividade – e estes aspectos, diga-se de passagem, justamente não são aqueles que o polarizam em relações dominação e de poder (GUATARRI, 1996, p. 177).

O episódio com o primo Jack comporta um ato subjetivo em que Ruth tenta esquecer entregando-se à religião, mas que vem à tona para que possamos perceber o que leva a personagem adotar esta fixação por ideias pecaminosas. Para Pierre Lévy (1992) esta ideia resulta de técnicas de armazenamento e de processo, já que esta experiência se tornou algo representativo para Ruth. O autor ainda enfatiza mencionando as técnicas de armazenamento como algo que evolui culturalmente, além de se transformar em uma grande margem de iniciação e interpretação para a história da protagonista.

Após este episódio, o narrador passa a enumerar as diferentes ideias que Ruth associa à pecado. A datilógrafa não comia carne, pois julgava este ato como pecaminoso. Dona de uma tradição muito peculiar, a personagem, ao adotar esta conduta, também faz uso de um sistema maquínico: ‘’seja qual for o domínio ao qual pertence – técnico, biológico, semiótico, lógico, abstrato –, são o suporte’’ (GUATARRI, 1996, p. 178). Este suporte está embasado em sua rotina, já que a personagem adotou uma cultura vegetariana para conduzir as suas refeições. O que faz com que a ideia de comer carne, para Ruth, seja vista como pecado.

O processo maquínico que toma conta dessa passagem configura-se ao que a personagem passa a ver como pecaminoso. Dentro de sua tradição, Ruth passa a assemelhar-se com os ensinamentos bíblicos, visto que ‘’dirigiu-se ao Hyde Park e sentou-se na grama. Levara uma Bíblia para ler’’ (LISPECTOR, 1998, p. 15). O livro sagrado acaba reforçando a ideia de religiosa que a personagem apresenta. Unindo técnica maquínica com as passagens acima descritas e analisadas, Pierre Lévy (1999) concatena:

> A técnica é um ângulo de análise dos sistemas sociotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria. As atividades humanas abrangem, de maneira indissolúvel, interações entre:
>
> - pessoas vivas e pensantes;
>
> - entidades materiais, naturais e artificiais;
>
> - ideias e representações
>
> (LÉVY, 1999, p. 22).

Mulher solitária, Ruth recebe, então, a visita de um ser estranho, que adentra sua janela em noite de lua cheia. A partir deste momento, tem-se início a segunda parte da narrativa e a grande transformação que resultará na mudança radical de Miss Algrave.

4.2 O PRAZER SEXUAL: MÁQUINAS E DESEJO EM ‘’MISS ALGRAVE’’

A partir da segunda parte do conto, Ruth passa a usufruir do desejo sexual para satisfazer suas vontades. Tudo começa com a anunciação de Ixtlan, um ser de Saturno (‘’Vim de Saturno para amar você’’ [LISPECTOR, 1998, p.16]) que, em uma noite de lua cheia, desvirginiza a personagem. Através de uma escolha particular (se deu porque Ruth era ‘’ruiva e virgem’’), Ixtlan acaba se transformando em uma representação de liberdade para Ruth: como se fosse um humano, o ser de Saturno configura-se em ‘’uma capitalização de valores abstratos de poder, incidindo sobre saberes econômicos e tecnológicos (...) conduzindo uma equivalência generalizada entre todos os modos de valorização dos bens e das atividades humanas’’ (GUATARRI, 1996, p. 185). Domando a personagem através de sons, palavras e ordens, Ixtlan concentra-se em ‘’libertar’’ a personagem que se encontrava presa em sua vida religiosa. A anunciação de Ixtlan acaba representando um hino de libertação, pois Ruth passa a senti-lo. Através de um diálogo e de descrições feitas pelo narrador, conseguimos perceber o momento em que Ruth e Ixtlhan se envolvem:

> Perguntou-lhe: quando é que você volta?
>
> Ixtlan respondeu:
>
> - Na próxima lua cheia.
>
> - Mas eu não posso esperar tanto!
>
> - É o jeito, disse ele até friamente.
>
> - Vou ficar esperando bebê?
>
> - Não.
>
> - Mas vou morrer de saudade de você! Como é que eu faço?
>
> – Use-se.
>
> Ele se levantou, beijou-a castamente na testa. E saiu pela janela. (LISPECTOR, 1998, p. 17/8).

Correlacionando esta passagem às ideias maquínicas, percebemos que o ato sexual é recheado de simbologias, o que contribui para o engajamento maquínico do

envolvimento íntimo das personagens. Esta experiência, que se caracteriza como perceptiva, leva a uma interação entre o que desperta medo com Ruth. Kerckhove (1996) enfatiza que:

> As máquinas de realidade virtual ampliam e estimulam nossos *inputs* sensoriais (tato, visão e audição) para reconstituir uma consciência artificial que é verdadeiramente exterior a nosso próprio espírito, exterior a nosso corpo (KERCKHOVE, 1996, p. 60).

Ao sentir o ser de Saturno tomar conta de seu corpo e lhe desvirginar, Ruth passa a se sentir agradecida pela liberdade. Ela, que teve um ‘’frisson eletrônico’’, retorna ao canto coral e passa a desfrutá-lo com outros fins: como se evidenciasse a sua libertação, ela cantou melhor do que nunca, o que lhe garantiu uma oportunidade como solista no conjunto musical da igreja. Mesmo assim, é perceptível que isto marca apenas uma forma de deixar claro para o leitor que a partir deste ato sexual, a personagem muda radicalmente seu modo de agir em Londres. Para Lévy (1999) este processo de apropriação se torna importante, pois as particularidades sistêmicas supõem que tais aspectos (libertação e agradecimento) sejam separáveis.

Dentro de uma postura midiática, o modo como o narrador descreve o momento da desvirginização de Ruth faz com que o enxugamento narrativo evidencie que, por trás do diálogo, houve uma cena de envolvimento sexual. Lúcia Santaella destaca que:

> Não há predomínio de uma descrição lógica que ofereça uma compreensão de estética, pois o hibridismo midiático tem uma relação de cumplicidade essencial, tanto com a possibilidade de reflexão quanto com as potencialidades de demonstração desta. (...) os locais em que painéis eletrônicos estão situados, isto é, os lugares dos visitantes (SANTAELLA, 2003, p. 149).

Desta forma, o quarto de Ruth Algrave, local em que Ixtlan e a personagem envolvem-se intimamente, transforma-se em um espaço midiático para a relação sexual que culmina com a drástica mudança por qual Ruth passa. Ixtlan, um ‘’visitante’’, se torna um elo muito importante para entendermos a mudança que a datilógrafa sofre

dentro da narrativa. Portanto, é muito importante ‘’acompanhar e dirigir com brandura, passo a passo a co-*evolução* dos humanos e das ferramentas’’ (LÉVY, 1992, p. 32).

4.3 PICADILLY CIRCLE: AGENCIAMENTO MAQUÍNICO; UMA DESCOBERTA DO ‘’EU’’

O PicadillyCircle é citado duas vezes no conto ‘’Miss Algrave’’. Contudo, as formas como ele é apresentado são completamente diferentes. Motivo de ojeriza e menosprezo por Ruth Algrave, na primeira parte da narrativa, o PicadillyCircle é visto pela personagem como algo inexpressivo, sem importância. O narrador assim nos descreve o aspecto negativo que o local transmite à Ruth:

> Quando passava pelo PicadillyCircle e via mulheres esperando homens nas esquinas, só faltava vomitar. Ainda mais por dinheiro! Era demais para se suportar. E aquela estátua de Eros, ali, indecente. (LISPECTOR, 1998, p. 13).

Neste primeiro momento, o espaço não produz grandes abalos no cotidiano da personagem, já que o local onde ‘’mulheres esperavam homens nas esquinas’’, não é importante para Ruth. Após o seu envolvimento com Ixtlan, o local passa a ter outro significado para a personagem: é justamente no PicadillyCircle que Ruth Algrave vai buscar saída para os seus desejos carnais. Lúcia Santaella abordará como o ciberespaço interfere na condução humana:

> Enquanto estas só permitem o trânsito do receptor ao redor da área por elas ocupada, nas instalações, o receptor penetra no interior de um espaço, habita esse espaço participando nele de corpo inteiro. Faz parte integrante das instalações a exploração do espaço pelo espectador através do deslocamento de seu corpo entre os dispositivos, imagens e objetos. (SANTAELLA, 2003, p.145).

Ixtlan passa a ser, então, o motivo que leva Ruth a se descobrir. As inquietações que a personagem sofre após a partida do ser de Saturno faz com que este sirva como

elemento de descoberta, prazer e liberdade. Em 1972, Carlos Castañeda publicou *Viagem a Ixtlan*, uma de suas obras mais representativas e que, possivelmente, influenciou Clarice na hora de criar este entrecho narrativo.

Dirigindo-se a um Dom Juan, o narrador de ‘’Viagem a Ixtlan’’ sugere que nós conheçamos o mundo a fim de que possamos ‘’cortar qualquer coisa de nossas vidas, a qualquer momento, num piscar de olhos’’ (CASTANEDA, 2006, p.). O que, de certa forma, fará parte da grande mudança de Ruth Algrave: a personagem abandona sua tradição religiosa e assume uma nova maneira de viver, descobrindo-se, através de experiências sexuais, e passando a enxergar com mais nitidez as outras formas de vida existentes em Londres. Assim, a personagem passa a usufruir do PicadillyCircle como um local de deleite e experimental, já que é para o PicadillyCircle que a personagem se dirige para buscar aquilo que fará nascer o seu ‘’eu’’. É lá que Ruth Algrave encontrará solução para os prazeres do corpo, já que Ixtlan só retorna na próxima lua cheia.

Em um segundo momento, o PicadillyCircle assume uma nova acepção para Ruth. Lembrando-se que o local é frequentado por prostitutas, a datilógrafa dirige-se ao local em busca de homens que pudessem satisfazer o forte desejo sexual que tomava conta de si. Mesmo ausente de Ixtlan, ‘’era mulher realizada’’; ‘’tinha marido’’, a personagem encontra no PicadillyCircle um modo de ‘’dar um jeito’’ nos seus desejos carnais: lá, aconchega-se a um homem cabeludo. A partir do envolvimento com este homem, Ruth descobre que possui ‘’outros dons’’:

> Sim. Mas fez uma coisa que era traição. Ixtlan a compreenderia e perdoaria. Afinal de contas, a pessoa tinha que dar um jeito, não tinha?
> Foi o seguinte: não aguentando mais, encaminhou-se para o PicadillyCircle e achegou-se a um homem cabeludo. Levou-o ao seu quarto. Disse-lhe que não precisava pagar. Mas ele fez questão e antes de ir embora deixou na mesa-de-cabeceira uma libra inteira! Bem que estava precisando de dinheiro. Ficou furiosa, porém, quando ele não quis acreditar na sua história. Mostrou-lhe, quase até o seu nariz, o lençol manchado de sangue. Ele riu-se dela. (LISPECTOR, 1998, p.20).

O PicadillyCircle, portanto, transforma-se em um espaço, um meio de comprovar os ‘’dons’’ que a personagem diz possuir. Pierre Lévy (1999) diz que o

ciberespaço é a ‘’constituição e a manutenção dinâmicas de memórias em comum, a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais’’(LÉVY, 1999, p. 29).

O PicadillyCircle como ciberespaço caracteriza-se por apresentar meios de adquirir de uma nova imagem. A tecnologia que compreende o ambiente nos leva a entender os motivos que levarão Ruth Algrave a mudar de vida. Apesar de ser frequentado por prostitutas, o PicadillyCircle transforma-se em um meio de descoberta do ‘’eu’’ para Ruth. É justamente neste local que a personagem verá que se auto reprimia, não se permitindo aos acasos da vida, as experiências, pois estava presa em uma tradição religiosa. Tradição esta que adotou para ‘’mascarar’’ o que verdadeiramente lhe transmitia satisfação.

Antes de fazer do local seu meio de descoberta, Ruth, como já foi discutido anteriormente, sentia náuseas pelo ambiente em que as prostitutas se encontram. É com a sua desvirginização e, consequentemente, suas vontades sexuais que fazem que o local seja procurado pela personagem para outros fins:

> Novos estilos de raciocínio e de conhecimento, tais como a simulação, verdadeira industrialização da experiência do pensamento, que não advém nem da dedução lógica nem da indução a partir da experiência. (LÉVY, 1999, p. 159).

A simulação e a experiência resultam, justamente, do envolvimento da personagem com o homem cabeludo: é, pois, a partir deste ato de ‘’traição’’ que Ruth descobriu seus dons sexuais, o que leva a ‘’datilógrafa perfeita’’ abandonar o seu ofício e deixar aflorar as suas reais vontades, os desejos que tomavam conta de si desde a infância.

Quando revela a sua verdadeira face perante Mrs. Clairson, até então seu chefe, Ruth Algrave muda bruscamente de conduta, fazendo com que ‘’as comunidades virtuais designem as novas espécies de associações fluidas e flexíveis de pessoas, ligadas através dos fios invisíveis das redes que se cruzam pelos quatros cantos do globo, permitindo que os usuários se organizem espontaneamente’’ (SANTAELLA, 2003, p. 123). Partindo, pois, deste pressuposto, temos uma personagem que faz uso de meios maquínicos para pôr em evidência o seu novo modo de vida e sustento:

> Na Segunda-feira de manhã resolveu-se: não ia mais trabalhar como datilógrafa tinha outros dons. Mr. Clairson que se danasse. Ia era ficar mesmo nas ruas e levar homens paro o quarto. Como era boa de cama, pagar-lhe-iam muito bem. Poderia beber vinho italiano todos os dias. Tinha vontade de comprar um vestido bem vermelho com o dinheiro que o cabeludo lhe deixara. Soltara os cabelos bastos que eram uma beleza de ruivos. Ela parecia um uivo. (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Pela primeira vez Ruth ia ferir as boas condutas que possuía e, através de suas novas formas de viver, ‘’era boa de cama’’, a personagem passa a se considerar uma nova mulher, um ser capaz de atrair para si todos os olhares. O PicadillyCircle, assumindo uma postura de ciberespaço, contribui com esta mudança, porque:

> O portador direto do saber não seria mais a comunidade física e sua memória carnal, mas o ciberespaço, a religião dos mundos virtuais, por meio do qual as comunidades descobrem e constroem seus objetos e conhecem a si mesmas como coletivos inteligentes. (LÉVY, 1999, p. 166).

Essa nova postura molda a personagem através do seu novo ‘’eu’’, o que levará Ruth propor a Mrs. Clairson suas incontroláveis vontades. Ao abandonar o seu ofício datilógrafo, a personagem utiliza as experiências do PicadillyCircle para avisar e deixar bem claro para seu antigo patrão quais são os seus novos meios de prazer: ‘’Aprendera que valia muito. Se Mrs. Clairson, o sonso, quisesse que ela trabalhasse para ele, teria que ser de outro bom modo’’ (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Mesmo não revelando como seria esse ‘’outro bom modo’’, fica evidente que se trata de sua libertação pessoal, de suas buscas incessantes por realização sexual, já que Ixtlan a ‘’abandonou’’ e só retorna na próxima lua cheia. Sendo assim, as formas encontradas por Ruth a conduzem para outros meios de realização carnal. A personagem usufrui, após abandonar a datilografia, dos desejos que, até então, estavam reprimidos dentro de si. O que faz a personagem titular-se como ‘’boa de cama’’. O modo inédito que Miss Algrave utiliza para concretizar o ato sexual com Mrs. Clairson soa bastante expressivo:

> Antes compraria o vestido vermelho decotado e depois iria ao escritório chegando de propósito, pela primeira vez na vida, bem atrasada. E falaria assim com o chefe:
> - Chega de datilografia! Você não me venha com uma de sonso! Quer saber de uma coisa? Deite-se comigo na cama, seu desgraçado! E tem mais: me pague um salário alto por mês, seu sovina! (LISPECTOR, 1998, p.20).

Certa de que cederia às suas investidas sexuais, ele, Mrs. Clairson, que ‘’era casado com uma mulher pálida e insignificante, a Joan, e tinha uma filha anêmica, a Lucy’’, em nenhum momento destas investidas manifesta-se, fazendo com que nós, leitores, não saibamos se, de fato, cedeu aos ‘’dons’’ de sua antiga secretária. Recurso muito recorrente nas comunicações eletrônicas, o narrador só evidencia o falar da personagem principal. Essa fixação leva Ruth Algrave:

> Imediatamente temporal que é própria das comunicações eletrônicas reconfigura a posição do indivíduo de maneira tão drástica que a figura do eu, fixo no tempo e no espaço, capaz de exercer controle cognitivo sobre os objetos circundantes não mais se sustenta. (SANTAELLA, 2003, p. 128).

As certezas representam o estado de intensa ativação do ‘’sistema cognitivo’’. Ruth, ao levar homens para o quarto e descobrir o quanto é boa de cama, não encontra dificuldades para transitar de um núcleo (escritório de datilografia) para outro (PicadillyCircle). Outro ponto bastante perceptível, dentro da segunda parte da narrativa, é o fato de Ruth agir cautelosamente antes da próxima lua cheia, dia que Ixtlhan, ‘’seu marido’’, retornaria para amá-la. A personagem calcula tudo de forma meticulosa, mesmo sabendo que Ixtlan ‘’a compreenderia e a perdoaria’’. Construindo um Modelo Mental para usufruir e utilizar seus dons antes da vinda de Ixtlan, Miss Algrave passa a adotar recursos que explorem diferentes possibilidades para estes meticulosos cálculos. Castañeda, em sua ‘’Viagem a Ixtlan’’, destaca que mesmo conhecendo novos ares, outras formas de conhecer o mundo, o que faz parte de uma vida passada continuará evidente, mas enxerga-se este mundo de outrora de forma diferente:

> Não há meio de se escapar do fazer de nosso mundo, pois o que um guerreiro faz é transformar seu mundo em seu terreno de caçada. Como caçador, um guerreiro sabe que o mundo foi feito para ser usado. Portanto, usa cada pedacinho dele. Um guerreiro é como um pirata que não tem dúvidas em pegar e usar o que quiser, só que o guerreiro não se importa, nem se sente insultado, quando é utilizado e apanhado por ele mesmo (CASTANEDA, 2006, p.).

Após uma série de experiências, Ruth decide resguardar-se e esperar pela volta de Ixtlan, seu grande amor: ‘’E quando chegasse a lua cheia- tomaria um banho purificador de todos os homens para estar pronta para o festim com Ixtlan’’ (LISPECTOR, 1998, p. 20). Esta passagem, que encerra o conto, põe em cheque os planos que Ruth traçara para satisfazer os seus desejos: nas noites em que a lua cheia não aparecesse, Miss Algrave usaria seus dons para satisfazer-se e comprovar que era ‘’boa de cama’’. Já em noites de lua cheia, iria se resguardar para Ixtlan, eliminando todas as experiências com um ‘’banho purificador’’. Assim, quando o ser de Saturno retornasse para o seu quarto, um local considerado um painel eletrônico, já que ‘’estão situados, isto é, os lugares dos visitantes’’ (SANTAELLA, 2003, p. 149), encontraria Miss Algrave livre, novamente, para as satisfações sexuais que ela tanto aguarda. O epílogo do conto evidencia a forma como essa transformação muda radicalmente o modo como a personagem passa a enxergar a vida: ao descobrir-se, liberta as inquietações que tomava conta de seu corpo e Ruth passa a se auto enxergar, a ver-se veridicamente como realmente é: sem imoralidades, sem tradicionalismos e outras condutas que alimentavam a reclusão de se eu, de suas vontades, anseios e ‘’dons’’. É como se a personagem lesse ‘’Viagem a Ixtlan’’ e concordasse com uma de suas passagens:

> o mundo é assombroso porque é estupendo, assustador, misterioso, insondável; meu interesse é convencer você a tomar ciência de que está aqui, neste mundo maravilhoso, neste deserto maravilhoso, neste tempo maravilhoso. Quero convencer você a aprender a tornar cada ato importante e válido, já que vai ficar aqui por um curto espaço de tempo. Na verdade, curto demais para conhecer todas as maravilhas que nele existem (CASTANEDA, 2006, p.).

Destarte, Ruth assume sua nova conduta de vida, transitando drasticamente do religioso para o sexual, utilizando-se de recursos maquínicos para confirmar seu modo de enxergar, agora, sua própria vida.

5CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em ‘’Miss Algrave’’, Clarice Lispector apresenta uma narrativa cuja personagem Ruth Algrave, ambivalente, assume suas fortes concepções religiosas, em um primeiro momento, e seu novo modo de vida ao migrar para uma vida desbragadamente sexual, em um segundo momento do conto. Estes dois momentos da narrativa são responsáveis pela identificação dos recursos maquínicos que a personagem principal apresenta dentro de sua transformação. Percebe-se, também, que a subjetividade da personagem é muito forte, fazendo com que sua religiosidade se torne um forte recurso para afobar seu ‘’eu’’, que se aflora mais nitidamente após um ato de desvirginização com Ixtlan, o ser de Saturno que resolve libertar Ruth Algrave de suas ideias fixas de pecado.

Sendo assim, utilizamos as ideias maquínicas para justificar a transição e vivência de Ruth Algrave após sua transição dentro da narrativa; já que a personagem sai de um plano e passa para outro, armazenando, convivendo e, principalmente, adotando uma nova conduta de vida, que é justificada com as posições de ideias que se remetem às máquinas, à cultura midiática e ao ciberespaço.

6REFERÊNCIAS

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CASTAÑEDA, Carlos. **Viagem a Ixtlan.** 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO: Conheça o polêmico livro de Clarice Lispector que a "Veja" chamou de "lixo". São Paulo, 23 nov. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u656366.shtml>. Acesso em: 18 abr. 2014.

GOTLIB, Nádia Batella. **Clarice:** uma vida que se conta. São Paulo: Edusp, 2011.

GUATTARI, Félix.Da produção de subjetividade.In: PARENTE, André. **Imagem-máquina:** A era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: 34, 1993. p.177-191.

KERCKHOVE, Derrick de. O senso comum, antigo e novo. In: PARENTE, André. **Imagem-máquina:** A era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: 34, 1993. p.56-64.

LÉVY, Pierre. As tecnologias têm um impacto?. In:_____. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999. p.21-31.

LÉVY, Pierre. A nova relação com o saber. In:_____. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999. p.159-170.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** O futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1992.

LIMA, Luciano Rodrigues. **Clarice Lispector Comparada.** Salvador: Edufba, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo.** Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1998.

MOSER, Benjamin. **Clarice,**: uma biografia. Rio de Janeiro. Ed. CosacNayff, 2011.

NASCIMENTO, Evando. **Clarice Lispector:** uma literatura pensante. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano:** Da era da cultura das mídias ao ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2003.